



## RESENHAS

### Editorial

Pouco antes de morrer, em meados dos anos sessenta, meu bisavô me fez presente da coleção de acetatos que guardava no andar superior, já desabitado, do belo prédio da Farmácia Palombini, em Antonio Prado. Ali, entre operismos itálicos (onde brilhava a sobrinha, Vittoria Palombini) e os binarismos metálicos da teuta esposa, encontrei o “Pega na chaleira” ou “Gargalhada”, de Eduardo das Neves, em disco de 1909 da Casa Edison, do Rio de Janeiro.

Conta Almirante que...

Um certo Presidente da República, nas suas viagens durante a campanha para a sua eleição, costumava levar consigo uma pequena chaleira de prata, porque ele mesmo gostava de preparar, não sei se o seu café ou o seu chá. Cercado como andava por indivíduos interessados em cair nas suas boas graças, era freqüente ver-se quando um ou outro, em requintes de amabilidade, se esforçava para poupar ao futuro presidente o trabalho de preparar ou de servir a sua bebida preferida. Os mais afoitos, mal o ilustre homem manifestava o desejo de saborear a sua bebida, avançavam para a pequena chaleira e, na ânsia de serem os primeiros, a seguravam por onde calhasse, ou pelo cabo, ou pelo bojo e até pelo bico. Com isso, naturalmente, queimavam os dedos. Nasceu daí o dito popular “chaleira”, para designar adulator, e a expressão “pegar no bico da chaleira”, para indicar aquela ação de adular.

A História confuta a estória em seus detalhes. Affonso Penna falecera em junho de 1909 e, de acordo com dispositivo institucional, Nilo Peçanha, o vice-presidente, completaria o mandato. O fim desta gestão foi marcado por uma das mais conturbadas eleições da República Velha, confrontando Rui Barbosa e o Marechal Hermes da Fonseca, que assumiu a Presidência num clima de grande hostilidade: “era um brinquedo mais ou menos cretino nas mãos do caudilho sulista Pinheiro Machado” (afirma Oswald de Andrade em suas memórias). Senador pelo Rio Grande do Sul desde 1890, Pinheiro Machado havia-se aos poucos convertido no homem forte do Legislativo e na eminência parda de muitos governos. No alto do Morro da Graça, sua residência fazia sombra ao Catete, diariamente freqüentada por dezenas de pessoas — senadores, deputados, juízes, empresários ou, simplesmente, candidatos a cargos públicos ou mandatos eletivos — que disputavam acirradamente o privilégio de segurar a chaleira que supria de água quente o chimarrão do “chefe”.

Em 1909, às vésperas da eleição presidencial que marcaria a derrota do jurista baiano, João José da Costa Júnior, o Maestro Costa Júnior (oculto pelo pseudônimo de Juca Storoni), compõe a polca

"No bico da chaleira" ou "Pega na chaleira", gravada em disco pela Casa Edison, do Rio de Janeiro. No mesmo ano, a gravadora registra "No bico da chaleira", polca de Eustórgio Wanderley, na interpretação do dançarino e cançonetista Geraldo Magalhães e da cantora Nina Teixeira (a dupla gaúcha Os Geraldos). Embora a melodia da segunda versão seja a de Costa Júnior, a letra, em forma de diálogo e quilométrica, é completamente diversa, o bico em questão servindo de pretexto às mais variadas alusões sexuais. Ainda em 1909 estréiam a revista *Pega na chaleira*, de Raul Pederneiras e Ataliba Reis, e o filme *Pega na chaleira*, argumento de Gastão Tojeiro produzido por Labanca, Leal e Companhia para a Photo-Cinematographia. Nem as belas-letras escaparam ao dito da moda: em 1909 Alphonsus de Guimaraens Filho compõe um "Soneto muito em segredo":

Eu para o Rio partirei em breve,  
Deixando a santa paz destas montanhas.  
A viagem deve ser formosa, deve  
Ser toda cheia de emoções estranhas.  
  
Que a salvamento Deus, que é bom, me leve.  
Preciso de alentar as minhas banhas  
E *smartizar* meu passo de almocreve  
Nessas ruas amplíssimas, tamanhas...  
  
Que vai fazer ao Rio de Janeiro  
Este velho, velhíssimo mineiro,  
Com todo o acato e toda a devoção?  
  
Vai segurar, Senhores meus, bem cedo,  
(Fica dito isto aqui muito em segredo)  
No bico da chaleira do Barão...

Foi o temor de ver o Senador Pinheiro Machado suceder a Hermes da Fonseca na Presidência que aliou, nos bastidores, mineiros e paulistas, garantindo a indicação e a eleição de Venceslau Brás em 1914. Pinheiro Machado foi assassinado por um desequilibrado mental em 1915. Após sua morte, deram seu nome à Rua Guanabara, onde começava a subida da Ladeira da Graça. Em sua casa passou a funcionar o Colégio Sacre Coeur e, tempos depois, uma empresa construtora. O "pega na chaleira", contudo, ficou, indelevelmente gravado no imaginário nacional.

A canção de Storoni foi regravada pela Banda da Casa Faulhaber e Cia (sem data), pela Banda Pryor (sem data), pela Banda do 52º de Caçadores (sem data), por Almirante (no rádio, em 1946), por Monsueto e as Gatas (1972) e pela Banda do Canecão (1973). Com o tempo, a expressão "chaleira" foi substituída por "puxa-saco", uma gíria militar usada para designar os soldados que carregavam a bagagem de seus superiores. Em 1945 os Anjos do Inferno prestaram tributo a Storoni, citando os versos iniciais de sua polca na marcha "O cordão dos puxa-sacos", de Roberto Martins e Erathostenes Frazão. Embora o Estado Novo estestorasse, "O cordão" teve problemas com a censura. Mas caiu nas graças de Getúlio, que enviou um de seus famosos bilhetinhos ao DIP. Tomara-se de ojeriza por chaleiristas.

Presente de meu bisavô getulista, a polca de Eduardo das Neves não é o mais conhecido dos frutos musicais dum caudilhismo quicá hereditário. Ela comparece aqui à guisa de admoestação humorada, tributo à reação popular e convite a uma carnavalização discreta da arte da resenha musical.

Carlos Palombini (UFMG), editor de resenhas de *PER MUSI*  
e-mail: palombini@musica.ufmg.br